

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

TRIBUNA LIVRE



JOSÉ EDUARDO GUZZARDI

Com que roupa eu vou?

A indústria do vestuário chama a atenção para o aumento do volume de importações de artigos confeccionados. Em sua visão, as importações são “responsáveis pelo mau desempenho do setor”.

Por essa razão, representantes do setor pleiteiam junto ao governo medidas pontuais de defesa, como um pedido de investigação para adoção de salvaguardas ao segmento de vestuário.

A perda de competitividade da indústria de vestuário nacional não será resolvida com salvaguardas ou outras medidas de caráter superficial.

Os problemas de competitividade antecedem, em muito, a chegada dos produtos importados ao País.

A indústria de vestuário no Brasil é altamente pulverizada: são mais de 25 mil empresas, a maioria micros e pequenas fábricas, que, para reduzir a alta carga tributária brasileira, está constituída no regime do Simples. Essas empresas limitam sua capacidade para não ultrapassar o teto de faturamento, o que prejudica a eficiência operacional do segmento.

No que tange à produção, historicamente, a indústria nacional voltou-se para o atendimento interno, com pouco investimento em tecnologia e matérias-primas diferenciadas que a fizessem concorrer, em qualidade, escala produtiva e preço, com o mercado internacional.

Outro ponto é que as confecções, pela limitação de escala produtiva, terceirizam as encomendas com oficinas de costura, por vezes sem realizar qualquer tipo de controle destas empresas no que tange à formalidade da empresa ou qualidade.

Essa situação favorece a precarização do trabalho nas confecções terceirizadas e um produto de baixa qualidade. Mão de obra, aliás, é um grave problema enfrentado pelas confecções.

De acordo com o Diagnóstico da Cadeia Têxtil, realizado pela Fipe, nas confecções da Região Metropolitana de São Paulo, 80%

da mão de obra é feminina e está envelhecendo. A falta de atratividade na profissão e os baixos salários influenciam a não renovação de trabalhadores. Problema que se estende a todo o País.

Por sua vez, o consumidor brasileiro procura um produto diferenciado, em sintonia com as grandes tendências internacionais de moda e a preços acessíveis. A pergunta que quer ver respondida é: “Com que roupa que eu vou?”

Durante a compra, pesam a modelagem, o toque do tecido, o acabamento do produto, se está na moda e os detalhes da peça, a variedade de cores e o preço final.

Como as grandes redes poderiam oferecer esta variedade de produtos apenas dependendo do abastecimento interno? A indústria nacional não está preparada para atender estas necessidades de consumo.

As importações cobrem uma lacuna relacionada aos produtos que não são facilmente encontrados no País. Os produtos importados não são necessariamente mais baratos. A maior parte deles tem alto valor agregado.

Em 2012, 88% dos artigos de vestuário comercializados no País eram de origem nacional. Portanto, não há invasão de produtos importados no setor e não se configura como uma boa justificativa para a solicitação de medidas protecionistas.

A Associação Brasileira do Varejo Têxtil, como representante das principais redes de varejo de vestuário do País, defende medidas abrangentes e reformas estruturais que, além de promover reais condições para o desenvolvimento da indústria nacional, atendam as necessidades do varejo e do consumidor.

José Eduardo Guzzardi é diretor da Associação Brasileira do Varejo Têxtil



**Historicamente,
a indústria
nacional
voltou-se para
o atendimento
interno**

FALE COM

TRIBUNA

GERAL/REDAÇÃO 3331-9000

CENTRAL DO ASSINANTE 3232-5959

centraldoassinante@redetribuna.com.br

DIRETOR

caser@redetribuna.com.br

EDITOR-EXECUTIVO

rangel@redetribuna.com.br

CHEFIA DE REPORTAGEM

3331-9015/3331-9045

pauta@redetribuna.com.br